



Viseu | 13-14 Maio 2022
Pavilhão ExpoCenter

**14.º CONGRESSO NACIONAL
DOS PROFESSORES**

**A Educação não pode esperar!
Combater desigualdades.
Valorizar a profissão!**



Docentes dos 2.º e 3.º ciclos e ensino secundário – que futuro?

Paula Rodrigues

Venho aqui falar sobre problemas que a maior parte de nós vive diariamente, que foram abordados em intervenções durante o Congresso, mas que importa agora sintetizar.

Falo-vos dos problemas que afetam os docentes dos 2.º e 3.º ciclos e do ensino secundário, que nos desgastam e que afastam da profissão muitos professores.

Falo de horários desregulados, onde os abusos e as ilegalidades são uma constante.

Falo do impacto nos horários da falta de clarificação da componente letiva e não letiva.

Falo da importância da limitação do número de “furos” nos horários, que obrigam os professores a permanecerem nas escolas praticamente o dia todo, sem as condições necessárias para a realização das atividades inerentes à componente individual de trabalho, que é remetida para o fim do dia ou para o fim de semana.

Falo das inúmeras reuniões não marcadas nos horários, muitas das quais agendadas para o fim do dia, interferindo na vida pessoal e familiar dos professores.

Falo de serviço docente atribuído com muitas turmas, níveis ou funções, que conduzem ao cansaço, à dispersão da atenção e do tempo, assim como ao sentimento de incapacidade por não conseguirmos realizar um trabalho com a qualidade que desejamos e os alunos merecem.

Falo da burocracia que nos afunda, das grelhas para preencher, do trabalho desnecessariamente repetitivo.

Falo dos diretores de turma, que são a ligação entre a escola e as famílias, a quem todos pedem tudo e que são sobrecarregados com solicitações, que exigem muito tempo, tempo esse que não lhes é dado.

Falo dos professores com horários completos e que se veem confrontados com a imposição da aceitação de horas extraordinárias, que não desejam, e com estratégias para o fazerem de forma gratuita, para se poupar algum dinheiro.

Falo de professores classificadores de provas de avaliação externa (provas de aferição, provas finais ou exames), que são chamados a exercer estas funções em situação de sobretrabalho.

Falo de professores que se sentem inseguros no seu local de trabalho e dos que veem o seu bom nome e o seu profissionalismo postos em causa.

Falo dos professores que lecionam os cursos profissionais que se veem privados de diversos direitos, nomeadamente, o direito a faltar independentemente do motivo, seja ele por doença, apoio a filhos menores, nojo, greve...

O professor é um investigador, um pensador, um criador do futuro.

Por isso, o professor precisa de tempo. Tempo para ser professor, tempo para descansar, tempo para pensar e tempo para ser pessoa.

Assim, não podemos baixar os braços até que estes problemas que afetam os professores sejam resolvidos. É urgente dar visibilidade aos problemas do setor, através da auscultação dos docentes, de plenários do sector ou de ações de rua.

Devemos dar continuidade à greve ao sobretrabalho enquanto a especificidade do trabalho docente não for respeitada, enquanto as componentes letiva e não letiva não ficarem claramente definidas e tudo o que envolva competências científicas e pedagógicas e trabalho direto com alunos não estiver incluído na componente letiva do horário dos professores.

É imperioso resolver estes problemas, assim como todos aqueles relacionados com a vinculação, os salários, a avaliação e a carreira em si, pois só deste modo os docentes poderão desempenhar as suas funções com dignidade e os padrões de qualidade que os seus profissionais desejam. Só assim, a profissão docente poderá voltar a ser uma profissão atrativa e respeitada pela sociedade.

Viva a FENPROF!